

1º CICS

CONGRESSO INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE



TRABALHOS
PREMIADOS

2023




CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

1º CICS | CONGRESSO INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE

**TRABALHOS
PREMIADOS
2023**





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO - NUAPE
PROGRAMA DE EXTENSÃO

Publicado por Editora LESTU

Design Gráfico: Ana Kelma Cunha Gallas

Capa: Odrânio Rocha

Diagramação: Kleber Albuquerque Filho

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA

E-mail: cics@unifsa.com.br

Este título possui uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). A íntegra dessa licença pode ser acessada: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2023 UNIFSA Todos os trabalhos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados no Congresso Internacional Ciência e Sociedade (CICS) 2023, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento. <https://unifsa.com.br/cics2023/publicacoes/>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

1° CICS [livro eletrônico] : Congresso Internacional Ciência e Sociedade : desenvolvimento humano e social : das ideias às práticas : trabalhos premiados 2023/ Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA [organização Ana Kelma Cunha Gallas, Alisson Dias Gomes, Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger]. -- São Paulo : Lestu Publishing Company, 2023. -- (Trabalhos Premiados do Congresso Internacional Ciência e Sociedade ; 1)

514 p. *online*

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-85729-05-5

DOI: <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-05-5>

Disponível em: <https://lestu.org/books/index.php/lestu/catalog/book/17>

1. Ciência - Congressos - Brasil 2. Congressos 3. Desenvolvimento humano 4. Desenvolvimento social 5. Divulgação científica I. Gallas, Ana Kelma Cunha. II. Gomes, Alisson Dias. III. Cronemberger, Izabel Herika Gomes Matias. IV. Série.

23-182727

CDD-501

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências : Divulgação 501

Tábata Alves da Silva- Bibliotecária- CRB-8/9253



A Lestu é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

EDITORA LESTU

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda

editora@lestu.org

www.lestu.com.br

[@lestu_editora](https://www.instagram.com/lestu_editora)



Trabalhos premiados 2023



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

3

CASARÃO DO CORONEL ORLANDO BARBOSA DE CARVALHO: um exemplar do patrimônio arquitetônico piauiense¹

Maria Eunice Barbosa Bandeira²
Mariana Aquino Rocha³
Luanna Flávia Oliveira Lima Moura⁴
Maria Lua Maciel Medeiros⁵
Amanda Cavalcante Moreira⁶

1. Trabalho premiado no Grupo Temático 4 – Meio Ambiente e Patrimônio Cultural, do 1º Congresso Internacional Ciência e Sociedade, promovido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, de 4 a 7 de outubro de 2023.

2Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Piauí

3Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Piauí

4Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Piauí

5Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Piauí

6Arquiteta (UFPI) e Historiadora (Uespi). Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí e do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Santo Agostinho.

RESUMO

O presente artigo trata-se da análise de uma edificação residencial, localizada em frente à Praça Orlando de Carvalho, no centro da cidade de Oeiras-Piauí, inserida no perímetro histórico e paisagístico tombado como patrimônio nacional. O casarão data do ano de 1908 e está cercado de importantes construções da cidade, dentre elas a Igreja da Nossa Senhora da Conceição e o prédio do antigo mercado da cidade. Objetiva-se destacar a importância desse bem; além de ressaltar suas características técnicas – comparando-a às influências arquitetônicas coloniais – e funcionais, comuns da região, e como elas influenciaram o modo de viver do povo oeirense. O artigo baseia-se em levantamento bibliográfico e visita técnica à edificação estudada. Contribui, portanto, para a documentação de um relevante exemplar arquitetônico e de suas técnicas construtivas, e a consequente preservação dos saberes locais e o seu patrimônio; traçando relação com a história arquitetônica nacional e suas influências.

Palavras-Chave: Arquitetura Colonial. Arquitetura Piauiense. Patrimônio Arquitetônico. Técnicas Construtivas.

INTRODUÇÃO

Localizada na porção central do território piauiense, Oeiras foi o primeiro núcleo urbano a se estabelecer na região e hoje é considerada polo de cultura e história do Estado. Sabe-se que o povoamento que deu origem à cidade foi resultado do processo de expansão da pecuária, derivado das expedições feitas para exploração das terras onde hoje é o Piauí. No entanto, existem diferentes versões a respeito do que efetivamente originou a aglomeração urbana na região – nenhuma delas comprovadamente verdadeira pela falta de evidências documentais. Antes nomeado povoado da Mocha, passou por diversas mudanças quanto à sua tipologia até que se tornasse uma cidade de fato. De povoação passou a ser freguesia, vila, e,

finalmente, capital da província do Piauí. Tudo isso, antes de receber o título de cidade, que lhe foi concedido – junto com a mudança de seu nome – no ano de 1761 (DIAS, 2008).

Durante muito tempo, o centro urbano era também o centro político-administrativo da província, sendo essa sua maior potencialidade na época. Por isso, quando, em 1852, perdeu o título de capital provincial para a nova Teresina, Oeiras entrou em um período de declínio – principalmente de ordem econômica. Perdendo a sede do governo, a cidade perdia também sua principal atividade econômica, poder e influência. E, a partir daí, Oeiras entra em um período de recessão até o ano de 1930. Por isso, ao refletir sobre os anos em que a cidade viveu numa constante apatia política e social, Santos (2010) escreveu:

Até a metade de 1930, a cidade de Oeiras, situada no centro sul do Estado do Piauí, pouco ou quase nada conhecia das transformações que proliferavam nos grandes centros do mundo trazendo em seu bojo os deslumbramentos da modernidade. Vivia mergulhada no seu ostracismo desde que perdera a condição de capital para Teresina, ainda no ano de 1852, e com isso, todo o seu corpo administrativo. O cotidiano da colonial urbe vivia imerso em rotinas completamente diferentes das contemporâneas. (SANTOS, 2010. p.3)

Após a posse do Interventor Federal Leônidas Melo, que veio com a instauração do Estado Novo, Orlando Barbosa de Carvalho foi nomeado administrador da velha Oeiras – e durante o seu mandato, dali até 1945, ele se tornaria responsável por inúmeras mudanças na estrutura física e cultural da cidade. Graças ao lucro advindo da expansão do comércio da cera da carnaúba – da qual a maior fornecedora era Oeiras –, o Coronel Orlando Carvalho pôde promover diversas construções, entre outras ações, que visavam incentivar o progresso e a modernização da cidade e da sociedade local. Como é trazido, novamente, nos estudos de Santos (2010):

Orlando Carvalho soube apropriar-se das condições favoráveis às mudanças, inclusive o excelente desempenho da economia estadual, marcada pelo extrativismo, sobressaindo-se a exportação da cera de carnaúba, na qual a cidade de Oeiras despontava como um dos principais centros produtores. O administrador relatava com otimismo a perspectiva do encontro com as aventuras da modernidade. (SANTOS, 2010. p.6)

De fato, o Coronel foi uma figura de muitas contribuições e, por isso, ficou marcado na história da cidade. Hoje, uma das principais praças de Oeiras recebe o nome do antigo administrador, já que, situada em frente a ela, ainda se encontra a casa que foi construída para abrigar a ele e à sua família. Se tratando de uma construção colonial de grande importância, um exemplo perfeito da execução das técnicas de construção e do modo de viver da época, é o foco principal desta pesquisa.

Diante desse contexto, destaca-se a importância do objeto de estudo do presente trabalho enquanto contribuição para preservar a memória e o patrimônio histórico e arquitetônico brasileiro e piauiense. Para tal, escolheu-se apoiar as bases do estudo em autores de relevância nacional quanto às pesquisas em arquitetura, a fim de visualizar, analisar e comparar com propriedade os tópicos contextuais e factuais da edificação.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo, utilizaram-se como metodologias o levantamento em campo – para melhor entendimento espacial e experiencial do objeto de estudo – e o levantamento bibliográfico, para melhor entendimento do contexto local e histórico em que a obra se insere. A visita *in loco* foi realizada no dia 5 de agosto de 2023, mediante autorização da família proprietária da casa.

Diante do proposto, o presente estudo foi dividido em quatro etapas: a primeira, referente à contextualização sobre a cidade-

patrimônio e a descrição do entorno em que a edificação se encontra; a segunda, que consiste na contextualização referente ao Coronel, à família e suas tradições e à relação com os aspectos exteriores da casa (como ela é apresentada na paisagem); a terceira, quanto às técnicas construtivas observadas; e, por fim, a quarta, a respeito da organização da planta baixa, sua setorização e os impactos socioculturais funcionais da edificação a partir desse fator.

O ENTORNO

Conforme a produção arquitetônica é guiada pelos aspectos sociais e culturais, é de extrema importância que sejam analisados os contextos locais entre a casa e seu entorno físico (TEIXEIRA; SALCEDO, 2019). Nesse sentido, destaca-se o fato de o casarão estar localizado em uma área histórica, tombada pelo IPHAN a partir do ano de 2012, que marca a cidade como documento histórico, referência na preservação e reapropriação de suas áreas identitárias, e dá suporte ao seu patrimônio enquanto centro econômico, político, administrativo e religioso para a história do Piauí (PEREIRA, 2017).

IMAGEM 1. Mapa do perímetro urbano de Oeiras, com destaque ao perímetro tombado e às principais construções do entorno da edificação em estudo.



Fonte: Fotos das autoras. Mapa de PEREIRA, 2017, adaptado.

A edificação localiza-se em frente à Praça Coronel Orlando de Carvalho — que também recebe o nome em homenagem ao ex-prefeito — na qual atualmente ocorrem feiras livres. Nesta praça, encontra-se o Mercado Municipal José Lopes da Silva (conhecido popularmente como Mercado Velho, já que se trata de uma obra da Era Vargas) — com início da construção em 1934 e inauguração em 1944 para abrigar comércios de variedades e sediar encontros sociais — que hoje se encontra abandonado.

O terceiro ponto de destaque do entorno trata-se de uma das três principais igrejas da Capital da Fé — a Igreja da Imaculada Conceição, datada do início do século XIX (1809), ainda por concluir em 1839, e cujas obras de acabamento se estendem até 1956 (CARVALHO, 2010). As demais edificações da vizinhança consistem em casas de aparência colonial piauiense — assim como as demais do centro da cidade — e que atualmente têm uso comercial.

O CASARÃO

O Coronel Orlando de Carvalho, proprietário original da edificação em estudo, casou-se com Anatólia Teixeira Rego (1855-1910), com quem teve seis filhos e que, por uma fatalidade, veio a falecer dez anos após a união. Tempos depois, casou-se novamente com Emília Justina de Moura Barbosa, com quem teve mais cinco filhos (GONÇALVES, 2021). O casarão teve sua construção concluída no ano de 1908, durante o período do primeiro casamento de Orlando Carvalho, para que abrigasse o casal e sua descendência — e, mesmo com o falecimento da primeira esposa, a família continuou vivendo na casa nos muitos anos que se seguiram.

Assim como o comum nas casas tradicionais piauienses (BARRETO, 1975), encontra-se uma placa saudando o visitante — adicionada no memorial centenário do casarão, em 2008. De forma

análoga, é perceptível a valorização da memória familiar através da conservação de móveis antigos (cofres, bancos e cadeiras de couro e palha, armários, aparadores, baús), livros, fotografias, bordados, louças, bibelôs e itens religiosos. A presença desses itens de decoração é destacada como marcante no costume dos brasileiros a partir do final do século XIX, principalmente na área de estar comum, definida como a verdadeira zona a se caracterizar (LEMOS, 1993).

IMAGEM 2. Placa de entrada e itens do acervo mobiliário familiar



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Lemos (1989) destaca que o ato de morar é sobretudo uma decorrência da cultura, de forma que os indivíduos se relacionam com os costumes e tradições do local e, por consequência, modificam o espaço. Diante do contexto cultural oeirense marcado pela forte influência colonial portuguesa em sua arquitetura, é perceptível que a edificação se relaciona bem com o entorno ao adotar o mesmo estilo, mesmo que se trate de uma obra do início do século XX. Nas fachadas, podem ser destacados como influências de modelos portugueses (LIMA, 2001): as molduras de esquadrias, o chanfrado no ângulo da esquina, a forma de caixote com presença de cimalha e do ático em balaustrada. Além disso, observa-se que no chanfro

de esquina e nas extremidades da edificação há apenas a sinalização (destaque por elemento decorativo) de onde estaria localizada uma pilastra – fator que é observado tipicamente em construções brasileiras, em contraste aos modelos portugueses nos quais as pilastras são seccionadas e estilizadas (LIMA, 2001).

Há o equilíbrio de cheios e vazios perceptível pela presença de 13 janelas (venezianas externas brancas, com parte envidraçada; e de folha dupla de madeira interna) e três portas de madeira (verdes, de folha dupla) na fachada principal, em contraste a 5 portas e uma janelana fachada secundária – a qual serviu por muito tempo a uso comercial. Todas as esquadrias estão envoltas em guarnições de cor vermelha, e as da fachada secundária apresentam bandeira em madeira na parte superior.

IMAGEM 3. Detalhes das fachadas



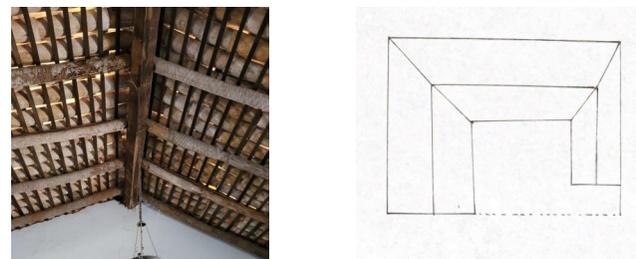
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

As construções da área histórica de Oeiras se configuram de forma similar entre si em relação à sua cobertura, alvenaria e esquadrias. As técnicas e o modelo de implantação, herdados de Portugal, encontraram o clima sertanejo e foram adaptadas para o calor tropical.

Como definido por Colin (2010), os telhados são a marca da arquitetura colonial. O telhado do Casarão do Cel. Orlando Barbosa – da mesma forma que a maioria das construções piauienses da época (BARRETO, 1975) – é feito com madeiramento e ripamento de tronco de carnaúba – material durável disponível na região – ao natural, sem tesoura, e fechamento em telha canal sem forro, que permite que o ar corra. A cobertura de várias águas se prolonga no saguão central através de beirais, que protegem as paredes e as varandas internas.

IMAGEM 4. Detalhes da Cobertura



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

As janelas somam 13 na fachada principal da casa, com 0,93 m de distância entre si, no modelo à francesa (ou gelosia), que permite observar o movimento da rua sem comprometer a privacidade dentro da casa (COLIN, 2010). As portas de acesso aos quartos possuem 2,45m de altura e se relacionam com as janelas internas (duas folhas de madeira verde envoltas por guarnição em madeira vermelha) – porém, diferentemente das portas da fachada, estas destacam-se por possuir bandeira e guarda-corpo ricamente trabalhados em metal. Por sua vez, a entrada da cozinha é marcada por uma porta mais baixa, mais simples e mais estreita (1,78 m de altura e 0,60 m de largura), que separa a área de serviço e a isola da casa.

O morar “à francesa” pressupunha a divisão da moradia em três zonas distintas: a de estare receber, a de repousar e a de serviço – sendo que necessariamente devia-se ir de uma para a outra, sem passar pela terceira (LEMOS,1993). Essa divisão é consolidada pelos arcos-ferradura de 1,80 m de diâmetro que se distribuem pelos corredores; pela diferença do nível da área de repouso (30 cm acima do nível do corredor); e pelas diferenças de pé direito (bem alto nas áreas de quartos e alcovas, chegando a 1,90m ao fim da varanda e a apenas 1,60m na área de serviço).

O calor da região rege as decisões técnicas das construções, com o emprego de paredes internas grossas (0,35 m de espessura) – para absorver o calor, e baixas – para permitir a circulação de ar. O piso revestido com ladrilhos decorados de barro cozido, distintos para cada ambiente, também ameniza a temperatura dentro da residência. Nos pavimentos mais elevados do solo, eram mais comuns as tábuas corridas de madeira (COLIN, 2010), como se observa nos quartos da área de repouso.

IMAGEM 5. Padrões de piso e esquadrias internas



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

A SETORIZAÇÃO

A individualização arquitetônica das casas coloniais no Piauí foi moldada por uma rica intersecção de fatores – os elementos climáticos, as distâncias entre os latifúndios e as cidades, a

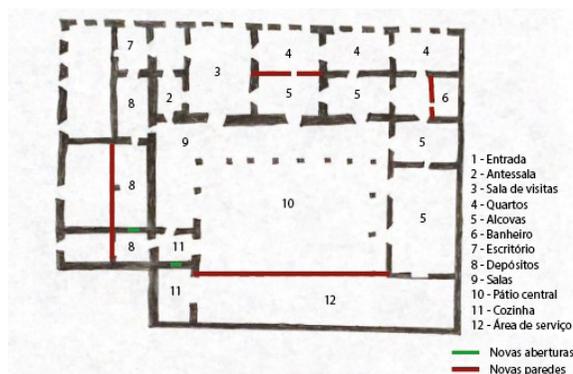
organização social e seus respectivos costumes comportamentais, e as influências estilísticas da época. No entanto, de forma geral, o perfil arquitetônico piauiense representa uma aglutinação entre a tipologia calcada na residência europeia – seja ela de influência portuguesa ou francesa, na qual as moradias pouco se alteraram e as plantas mantêm uma uniformidade (VAUTIER, 1975) – e o modo de morar já adaptado ao território brasileiro – com principal influência da arquitetura das fazendas, no que tange à disposição dos espaços, e da arquitetura urbana do Maranhão, uma vez que a planta da casa piauiense é a morada inteira do Maranhão adaptada às exigências e recursos do Piauí (BARRETO, 1975).

A disposição das plantas urbanas – que seguiam o controle das fachadas com as ruas – sobre o alinhamento das vias e os limites do terreno, em consonância com o caráter público das paisagens urbanas, compartilhava semelhanças com a casa de fazenda, cuja configuração era frequentemente em forma de L ou retangular (SILVA FILHO, 2007), e apresentava características típicas da época: lote estreito e profundo. Na conjuntura estudada, percebe-se que o Casarão, datado do início do século XX para servir como residência e comércio, situa-se nos limites frontais e laterais do lote, apresentando apenas um pequeno recuo ao fundo, para a criação de uma área de serviços complexa, e para o predomínio de um pátio interno que promove iluminação e ventilação. Assim, o Casarão representa um exemplo de casa em correnteza, isto é, casa alinhada pela divisa central e geminada nos dois lados (LEMOS, 1993).

Sob essa ótica, a edificação em estudo, composta por paredes grossas de 35 cm, por alcovas, por pátio interno e por uma grande varanda, apresenta planta simplificada – cuja organização interna reflete um programa diligente, de clara divisão entre espaços de recepção e de áreas íntimas. A sala de dentro (varanda) e a cozinha eram reservadas apenas para a família, enquanto que a sala-praça,

na qual desemboca o corredor vindo da rua, fora adaptada a receber as visitas, se tornando menos despojada e dotada de móveis e de adornos. Isso retrata a rigorosa hierarquização dos espaços internos, a partir dessa rígida setorização segregadora, e a valorização da riqueza decorativa (LEMOS, 1993), que foram promovidos durante a ascensão do ecletismo, no final do século XIX.

IMAGEM 6. Croqui da planta baixa com nomes dos ambientes e alterações percebidas pós-visita



Fonte: As autoras, baseado no publicado por SILVA FILHO (2007).

A busca pela ventilação, adaptada ao clima local, favoreceu a presença de paredes internas de meia altura, que selecionavam as atividades de cada cômodo, de pés-direitos altos, responsáveis em aumentar o volume de ar circulante dentro da residência, principalmente nos quartos e nas salas, de coberturas com telha vã, de cumeeiras com cerca de 8 a 10 metros de altura e do recorrente afastamento das cozinhas do restante da casa, a fim de distanciar o calor advindo da brasa dos fogões. Assim, a cozinha apartada foi uma das primeiras características da casa tipicamente brasileira (LEMOS, 1993). Além disso, destaca-se que, pelo fato de as casas serem construídas lado a lado, com empenas laterais coladas nos limites dos lotes vizinhos, a ventilação que adentrava nas moradias era limitada.

Com relação à preocupação para com o conforto térmico e luminoso, Barreto (1975) ratifica que a planta da casa piauiense é sistematizada, de um só pavimento, na qual a tipologia de moradia-inteira é predominante. Assim, ao analisar o Casarão, entende-se que ele representa um modelo arquitetônico de casa solar, em forma de U, com pátio central, cômodos amplos e paredes grossas, ou seja, um exemplo de planta de moradia-inteira, na qual há um grande número de cômodos, uns de lados opostos a outros, a partir de duas puxadas, que se adequam ao clima quente piauiense a partir da implementação da varanda sistematicamente aberta e arborizada, na intenção de criar o máximo de sombra possível.

IMAGEM 7. Detalhes da cobertura e das áreas de pátio.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

As modificações nos hábitos sociais ocorridas ao longo do século XIX promoveram a introdução de novos materiais de construção, outrora mencionados, e de conceitos de higiene, alterando a arquitetura das casas coloniais piauienses. Banheiros e cozinhas, antes meros anexos segregados, ganharam importância e espaço. As cozinhas foram integradas às salas de estar, e a disposição interna foi influenciada por fatores como comportamento social, segregação feminina e práticas religiosas. A circulação dentro das casas também foi transformada, permitindo a sobreposição de atividades nos mesmos cômodos (LEMOS, 1989). No Casarão, apesar de ainda possuir cozinha e área de serviço bem definidas e apartadas,

tais variações são perceptíveis essencialmente devido à presença de banheiros incorporados a posteriori e dos usos múltiplos de alguns cômodos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a conjuntura supramencionada, tem-se uma análise da arquitetura colonial piauiense através do estudo detalhado do Casarão de Orlando de Carvalho, em Oeiras-Piauí, que revela ser um elo vivo e significativo com a história e cultura da região. Com isso, ao investigar minuciosamente suas características técnicas e funcionais, o presente artigo ressaltou a importância desse Casarão como um símbolo tangível dos resquícios do modo de morar do passado, representando tanto a mestria das técnicas de construção da época quanto o modo de vida da comunidade oeirense.

Através da contextualização da cidade-patrimônio e do entorno em que a edificação se insere, o estudo demonstra a interconexão entre o casarão e seu ambiente, destacando seu símbolo na paisagem urbana e sua contribuição para a riqueza arquitetônica do Brasil e do Piauí. Além disso, ao examinar a relação entre a família e as tradições locais, o artigo revela as conexões profundas entre o espaço construído e a identidade cultural da comunidade. As técnicas construtivas observadas fornecem a compreensão sobre o domínio da arquitetura colonial na região. A análise da planta baixa e sua organização forneceram um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e funcionais que moldaram o espaço, influenciando a vida cotidiana das pessoas que habitaram o casarão ao longo do tempo.

A pesquisa não apenas documenta e conserva um exemplar arquitetônico notável, como também realça a importância da preservação da memória histórica e arquitetônica, uma vez que o

estudo oferece uma base sólida para a compreensão das influências contextuais e históricas que moldaram a edificação e seu significado dentro do cenário nacional. Portanto, este trabalho contribui tanto para a herança da arquitetura colonial piauiense quanto para o resgate da história e das tradições de uma comunidade através da preservação de seu patrimônio arquitetônico.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, P. O Piauí e sua Arquitetura. In: FAU/USP- MEC/IPHAN: **Arquitetura Civil**: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAU/USP, 1975.
- CARVALHO, D. **Passeio a Oeiras**. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 2010.
- COLIN, S. **Técnicas construtivas no período colonial**. Coisas da Arquitetura, 2010. Disponível em: <<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-i/>> (Acesso em: 13 de agosto de 2023)
- DIAS, C.C. **Piauí**: das Origens à Nova Capital. Piauí: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2008.
- GONÇALVES, J. R. R. **A Saga dos Ribeiro Gonçalves no Brasil**. São Luís: Ed. do autor, 2021.
- LEMOS, C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.
- LEMOS, C. Transformações do espaço habitacional ocorridos na arquitetura brasileira do século XIX. In: FAU/USP- **Anais do Museu Paulista nº 1**: São Paulo: FAU/USP, 1993. p.95-106.
- LIMA, R. **Modelos Portugueses e Arquitetura Brasileira**. Campinas: Centro de Pesquisa e História da Arte e Arqueologia da UniCamp, 2001.

PEREIRA, D.C. A Cidade-Patrimônio de Oeiras - PI e as Políticas Públicas de Preservação do Patrimônio Cultural no Século XXI. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.9, n.16, Jan./Jul.2017. p. 142-164.

SANTOS, A. Ecos da modernidade: memória e transformações urbanas sofridas por Oeiras(PI) em meados do século XX. In: **X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política**. Recife: UFPE, 2010.

SILVA FILHO, O. P. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007. 3v.

TEIXEIRA, R.; SALCEDO, R. A Configuração da Casa na Paisagem Cultural da Cidade Colonial Nordestina. In: **Anais do II Simpósio Internacional Patrimônios: cultura identidades e turismo**. Ourinhos: UNESP, 2019. v.1. p.1-25.

VAUTIER, L. L. Casas de residência no Brasil. In: **Arquitetura Civil I. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN**. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975.





LESTU
Publishing Company



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

ISBN: 978-65-85729-05-5

